

EFEITO DO ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL FÍSICO NO COMPORTAMENTO E BEM ESTAR DE EQUINOS ALOJADOS EM DIFERENTES AMBIENTES

Acácio GONÇALVES NETTO¹; Yago D. GOVEIA²; Daiane M. SILVA³; Maria de L. L. BRAGION⁴

RESUMO

Animais em cativeiro tendem a desenvolver estereotípias em decorrência da monotonia. Técnicas de enriquecimento ambiental podem evitar este tipo de ocorrência. O objetivo deste trabalho foi avaliar o enriquecimento ambiental do tipo físico como estímulo de ambientes. Concluiu-se, após 25 dias de avaliação, que o enriquecimento ambiental físico pode estimular ambientes de confinamento, tornando-o mais dinâmico e que o ambiente ao qual é introduzido não influencia no interesse dos cavalos.

PALAVRAS-CHAVE: cavalos, confinamento, estereotípias, diversificação ambiental.

INTRODUÇÃO

Seres vertebrados normalmente não vivem em ambientes estáticos, o que faz com que esses animais se adaptem a situações previsíveis por meio de alterações fisiológicas e comportamentais, qualquer mudança nesse meio, como o confinamento, por exemplo, pode causar uma série de transtornos a esses animais causando mudanças fisiológicas e comportamentais (MÖSTL & PALME, 2002).

O estresse decorrente de uma vida diferente do natural manifesta-se através de diversos sintomas facilmente perceptíveis e o enriquecimento ambiental é uma forma de criar um ambiente estimulante, tornando a realidade dos animais mais interessante e buscando despertar comportamentos que ocorreriam na natureza.

O objetivo dessa pesquisa foi avaliar a influência do enriquecimento ambiental do tipo físico no comportamento e bem estar de equinos alojados em diferentes ambientes.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Machado. Machado/MG, email: acaciogn@agronomo.eng.br;

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Machado. Machado/MG, email: ygoveja@hotmail.com;

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Machado. Machado/MG, email: daiane@mch.ifsuldeminas.edu.br;

⁴ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Machado. Machado/MG, email: limabragion@mch.ifsuldeminas.edu.br;

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada no Setor de Equinocultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Machado entre setembro e outubro de 2012.

Foram utilizados oito equinos adultos sem raça definida com idade entre quatro e dez anos. Os animais ficaram alojados em baias individuais durante a noite e em piquetes individuais durante o dia.

Os oito equinos foram divididos ao acaso em dois grupos de quatro animais, sendo que o primeiro grupo recebeu enriquecimento ambiental e o segundo não (controle). Os animais foram alocados nas baias e piquetes através de sorteio. Esses animais ficaram 15 dias em fase de adaptação antes do início da aplicação do enriquecimento ambiental.

A pesquisa foi conduzida da seguinte forma:

Experimento 1 (E1) - Enriquecimento físico no piquete: durante 25 dias, um dos grupos recebeu introdução de aparatos que deixaram o piquete mais semelhante ao seu habitat natural. Para tal, os piquetes receberam galhos secos sob o telhado dos comedouros e pedras ao redor do mesmo. O comportamento de cada animal foi observado durante cinco minutos de manhã obedecendo a um horário pré-fixado. O grupo controle também foi observado por cinco minutos, no entanto, sem a presença do enriquecimento.

Experimento 2 (E2) - Enriquecimento físico na baia: durante 25 dias, um dos grupos recebeu o enriquecimento ambiental do tipo físico. Para isso, foram inseridos galhos secos pendurados no fundo de cada baia e pedras próximas ao bebedouro. O comportamento de cada animal foi observado durante cinco minutos no período da tarde obedecendo a um horário pré-fixado. O grupo controle também foi observado por cinco minutos, no entanto, sem a presença dos galhos e das pedras.

Para a análise de interesse dos equinos no enriquecimento ambiental, foram estabelecidas notas de um a três obedecendo aos seguintes critérios: nota um - o equino, em momento algum, demonstrou interesse em relação ao enriquecimento físico; nota dois - durante os cinco minutos de avaliação, o equino interessou-se pelo enriquecimento físico por menos por 2,5 minutos; nota três, o equino interagiu de alguma forma com o enriquecimento introduzido em sua baia durante os cinco minutos de observação.

Os dados coletados após os 25 dias experimentais foram submetidos à análise de variância e as médias foram comparadas através do teste Tukey a 5% de probabilidade. Utilizou-se o programa SISVAR (FERREIRA, 2000) para a realização das análises estatísticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Tabela 1, podem-se verificar os resultados obtidos para cada experimento. Após a interpretação dos resultados, averiguou-se que houve diferença significativa ($P < 0,05$) entre as notas médias dos dois grupos de equinos analisados.

Tabela 1. Influência da introdução de galhos e pedras nos piquetes (E1) e nas baias (E2) sobre o bem estar e comportamento de equinos - Brasil - 2013 (n=100).

	Experimentos	
	E1	E2
Controle	1,00a	1,00a
Tratamento	1,40 b	1,32 b

*Médias seguidas de mesma letra nas colunas não diferem entre si pelo teste Tukey ($P < 0,05$)

Com o resultado observado no experimento 1, pode-se afirmar que o enriquecimento ambiental dos piquetes através de galhos e pedras alterou o padrão de comportamento dos equinos quando comparado com o grupo controle.

Com relação ao resultado encontrado no experimento 2, pode-se dizer que o enriquecimento físico nas baias também alterou o comportamento dos equinos, melhorando assim, o bem-estar no ambiente restrito.

Segundo Grandin (2010), geralmente, quanto mais liberdade se dá a um animal, melhor é, porque o comportamento normal implica em satisfazer suas emoções básicas. Um exemplo disso é quando uma galinha se esconde para pôr os ovos e o seu comportamento de se esconder desativa o medo. Sendo assim, se os animais não tiverem liberdade para agir naturalmente, é preciso pensar em meios de satisfazer a emoção que os motiva a realizar comportamentos normais.

Ao se comparar as notas médias do grupo que recebeu o enriquecimento ambiental em diferentes ambientes (baias e piquetes), pode-se observar que não houve diferença significativa ($P > 0,05$) entre os mesmos de acordo com a Tabela 2, demonstrando que o enriquecimento ambiental do tipo físico, através da introdução

de galhos e pedras, é eficiente independentemente do ambiente ao qual é introduzido.

Tabela 2. Eficiência do enriquecimento ambiental do tipo físico no bem estar e comportamento de equinos alojados em diferentes ambientes – Brasil - 2013 (n=100).

Ambientes	Notas Médias
Piquetes	1,40a
Baia	1,32a

*Médias seguidas de mesma letra nas colunas não diferem entre si pelo teste Tukey (P<0,05)

Pizzutto et al. (2009) afirmaram que a introdução de técnicas de enriquecimento ambiental para animais cativos apresenta efeitos positivos sobre o bem estar, facilitando sua adaptação ao cativeiro.

CONCLUSÃO

Concluiu-se que o enriquecimento ambiental do tipo físico pode ser utilizado, tanto em baias quanto em piquetes, como forma de assemelhar o cativeiro ao habitat natural da espécie equina, melhorando assim, o comportamento e o bem estar desses animais.

AGRADECIMENTOS

FAPEMIG, Setor de Equinocultura do Câmpus Machado e participantes da APEC/Projeto em Equinocultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, D.R. Análises estatísticas por meio do Sisvar para Windows versão 4.0. In: REUNIÃO ANUAL DA REGIÃO BRASILEIRA DA SOCIEDADE INTERNACIONAL DE BIOMETRIA, 45, 2000, São Carlos. **Anais**. São Carlos: UFSCar, 2000. p.255-258.

GRANDIN, T. **O bem-estar dos animais: proposta de uma vida melhor para todos os bichos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MÖSTL, E. & PALME, R. Hormones as indicators of stress. **Domestic Animal Endocrinology**, Vienna – Austria, v.23, p.67-74. 2002.

PIZZUTTO et al. O enriquecimento ambiental como ferramenta para melhorar a reprodução e o bem-estar de animais cativos. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**, Belo Horizonte, v.33, n.3, p.129-138, Julho/Setembro. 2009. Disponível em www.cbra.org.br.